

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

BEATRIZ EUGÊNIO MAIA

VIDA E MORTE NA PERSPECTIVA NEOPENTECOSTAL: UMA ABORDAGEM
POSSÍVEL SOBRE A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (2010-2015).

UBERLÂNDIA/MG
JULHO/2015

BEATRIZ EUGÊNIO MAIA

VIDA E MORTE NA PERSPECTIVA NEOPENTECOSTAL: UMA ABORDAGEM
POSSÍVEL SOBRE A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (2010-2015).

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção
do diploma de Graduação em História pela Universidade
Federal de Uberlândia (UFU).

Aprovada em:
Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento
Orientadora/UFU

Profa. Me. Jaciely Soares da Silva

Prof. Me. Anderson A. Gonçalves de Oliveira

UBERLÂNDIA/MG
JULHO/2015

RESUMO

Esta monografia trata sobre o tema da morte N ótica da Igreja Universal do Reino de Deus. Considerada por alguns autores como uma denominação de linha neopentecostal, esta igreja, assim como outras do mesmo segmento religioso, adota a Teologia da Prosperidade como discurso e prática em que o crente é motivado por uma bênção financeira associada à fé e a doações para esta Igreja. Fundada na década de 1970, na cidade do Rio de Janeiro sob a liderança do pastor Edir Macedo, a IURD possui templos em todo o Brasil e também no exterior, além de forte atuação na TV, rádio e jornal. Esta pesquisa utilizou-se do site da Igreja Universal como veículo de abordagem do tema da morte, tão caro aos dias atuais. Considerando ser este um assunto perturbador para o cristão, embora natural e inevitável, mas que se evita falar sobre ele, interessa-nos compreendê-lo segundo o discurso da própria Universal.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja Universal do Reino de Deus – Teologia da Prosperidade – Morte.

ABSTRACT

This monograph deals with the theme of the Optical death of the Universal Church of the Kingdom of God. Considered by some authors as a neo-Pentecostal denomination, this church, as well as others of the same religious segment, adopts Prosperity Theology as a discourse and practice in which the believer is motivated by a financial blessing associated with faith and gifts to this Church. Founded in the 1970s, in the city of Rio de Janeiro under the leadership of Pastor Edir Macedo, IURD has temples throughout Brazil and abroad as well as a strong presence on TV, radio and newspaper. This research was used of the site of the Universal Church as a vehicle to approach the theme of death, so dear to the present day. Considering that this is a disturbing subject for the Christian, although natural and unavoidable, but we avoid talking about it, we are interested in understanding it according to the discourse of the Universal itself.

KEY WORDS: Universal Church of the Kingdom of God - Theology of Prosperity - Death.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4-7
2 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	8-11
2.1 A IURD no Brasil e em Uberlândia/MG.....	12-13
2.2 A IURD no exterior.....	13-14
2.3 A Teologia da Prosperidade.....	14-16
2.4 As três ondas pentecostais no Brasil.....	16-17
2.5 Fundamentalismo religioso.....	18-21
3 MORTE E SALVAÇÃO: SIGNIFICADOS NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.....	22-34
4 CONCLUSÃO.....	35-36
REFERÊNCIAS.....	37-39

INTRODUÇÃO

Tratarei nas páginas que se seguem sobre a Igreja Universal do Reino de Deus e como esta denominação neopentecostal, criada no Brasil na década de 1970, aborda as temáticas morte, vida e salvação. Não há como desvencilhar esses três pontos um do outro, uma vez que a morte faz parte da vida, assim como a busca por uma suposta salvação da alma é almejada após a morte. Para a investigação do tema, utilizarei como fonte privilegiada o site oficial da Igreja Universal por identificar nele o principal meio eletrônico de difusão desta Igreja. Existem outras mídias pelas quais a sua doutrina é difundida, como rádio, televisão e jornal, porém, tratando de meio eletrônico, mais precisamente do uso da internet, é através do site que a disseminação da filosofia da Universal se faz presente.

Compreendida como um dos campos da “história das mentalidades”, a temática da morte encontra na historiografia francesa o seu lugar inicial, onde as primeiras preocupações acadêmicas são formuladas acerca deste assunto. Segundo Reis

utilizando uma variedade de fontes literárias, arquivísticas, iconográficas e arquitetônicas, os historiadores, principalmente franceses, têm estudado as atitudes do homem europeu diante da morte, numa perspectiva de longa e média duração.¹

No Brasil, estes estudos são feitos não só no campo da História, mas também na área da Antropologia, cuja maior expressão reflete-se na obra *A morte é um tabu*, de José Carlos Rodrigues. Entre os historiadores, e dos quais utilizarei alguns, cito os trabalhos de João José Reis, Cláudia Rodrigues, entre outros,² cujas fontes principais utilizadas são os documentos das irmandades, inventários e testamentos, estes últimos mais que os primeiros, nos ajudam a entender como se deu a passagem da morte tradicional, de maior proximidade entre vivos e mortos, para a morte moderna e medicalizada.

¹ REIS, João José. Fontes para a história da morte na Bahia do século XIX. Salvador: UFBA, Caderno CRH, n.15, jul./dez., 1991, p.111. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1360&article=377&mode=pdf>. Acesso em: 28 jun.2015.

² João José Reis cita em seu artigo *Fontes para a história da morte na Bahia do século XIX* diversos autores que abordam a temática da morte no Brasil, embora se constitua uma prática bastante recente, a saber: José de Souza Martins (1983), Kátia Mattoso (1979), Inês Oliveira (1979, 1988), Adalgisa Arantes Campos (1987).

Além de bibliografia específica sobre a morte na visão de historiadores e de antropólogos, buscarei entender como se deram as transformações, no imaginário ocidental, que resultaram em um afastamento gradativo dos vivos em relação aos mortos, a partir de transformações nas práticas religiosas pagãs e dos significados de vida e morte na Antiguidade Clássica, que se deslocam, paulatinamente, com o surgimento do Cristianismo.

Segundo Marton³, é a partir do Cristianismo que a exaltação da vida em relação à morte se constitui, inicialmente encabeçada pelo Catolicismo, mas posteriormente ampliada por outros segmentos religiosos concorrentes que possibilitaram a proliferação de denominações religiosas tão plurais como as que existem atualmente. Nesse sentido, a fim de nos situar no campo religioso pentecostal, citarei Mariano⁴ e seus levantamentos estatísticos com base nos dados do Censo 2010 que apontam, a partir da década de 1980, o declínio do número de católicos em contraposição ao aumento acelerado dos pentecostais e dos sem religião

[...] num mercado religioso dinâmico, competitivo e ávido por novidades. Não paira dúvida quanto à notória redução da capacidade da Congregação Cristã de crescer e de enfrentar a concorrência religiosa nas últimas décadas. Basta ver que, entre 1991 e 2000, ela crescera 52,1%, cifra razoável, mas muito inferior aos 245% da Assembléia de Deus, aos 334,8% da Quadrangular, aos 357% da Deus é Amor e aos incríveis 681,5% da Universal.⁵

Complementando a pesquisa, o mesmo autor abre discussão interessante ao fazer um balanço sintético da teoria sociológica sobre a expansão do pentecostalismo no Brasil à luz tanto da matriz funcionalista como dos seus críticos. Mariano critica a teoria funcionalista que culpa o processo de modernização e seus consequentes prejuízos sociais, culturais e econômicos pelas mudanças nas escolhas religiosas dos migrantes rurais e das camadas mais pobres da população, logo, seria este o terreno fértil para o surgimento do pentecostalismo enquanto “solução” destes problemas ao criar mecanismos de acolhimento material e espiritual dessas pessoas⁶. Esta análise, encabeçada pelos sociólogos Christian Lalive d’Epinay e Emílio Willems entre meados

³ MARTON, Scarlett. A morte como instante de vida. TV Cultura. 10 mai. 2102. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A46dfe8B5Us>. Acesso em: 20 fev. 2014.

⁴ MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo de 2010. Debates do NER, Porto Alegre, Ano 14, N. 24, pp.119-137, Jul./Dez. 2013.

⁵ MARIANO. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo de 2010. Op. Cit., p. 132.

⁶ MARIANO, Ricardo. Sociologia do movimento pentecostal no Brasil: um balanço. Perspectiva Teológica: Belo Horizonte, Ano 43, Número 119, Jan/Abr 2011, pp.12-13.

dos anos 1960 e final de 1970 sobre o pentecostalismo no Brasil e no Chile, influenciaram os trabalhos de outros pesquisadores, tais como Cândido Procópio Camargo⁷ e Beatriz Muniz.

Ricardo Mariano, ao fazer a crítica desta visão funcionalista sobre o fenômeno religioso do neopentecostalismo, afirma que

Estes pesquisadores partilhavam a tese de que os intensos processos de mudanças sociais, culturais e econômicas ocorridos a partir da década de 1930, representados pela rápida industrialização, urbanização e migração de grandes contingentes rurais para as cidades, provocaram uma situação de anomia em parte dos migrantes e dos estratos pobres, tidos como ineptos culturalmente diante dos desafios da vida numa sociedade urbana em vertiginosa transformação sociocultural. Por isso, migrantes e partes dos pobres tinham necessidade de reconstruir um sistema significativo de relações primárias para ajustar-se à vida urbana.⁸

Nos anos 70, pesquisadores⁹ apontam argumentos que vão de encontro ao funcionalismo, entre eles: a ideia de estereótipos sociológicos maniqueístas como rural-urbano, ordem-anomia, marginalização-integração; o fato de nem sempre haver choque cultural entre os migrantes rurais por seguirem redes de parentesco ao chegarem nas cidades; a não aceitação da ideia de integração, o que tornaria a cidade equivocadamente um todo consistente e homogêneo e, por fim, a industrialização e urbanização como processos que afetam a todos os indivíduos, autóctones ou não. Associada a essas críticas, outras se fizeram presentes ao questionar a falta de dados comprobatórios sobre a participação massiva dos migrantes nas religiões populares em expansão, assim como também a suposta falta de regras desses migrantes, embora se identificassem redes de poder e estratificação bem formadas no interior das próprias favelas.

Além dessas, outras teorias sobre o mesmo assunto vão sendo formuladas: Rubem Alves, ao romper com a ideia de integração das seitas pentecostais entre o rural e o urbano, opta pelos “mecanismos ideológicos de dominação” e pelas “empresas de cura divina”¹⁰. John Page afirma que muitos migrantes já haviam morado em outras

⁷ Em 1973, Camargo reavalia seu posicionamento em decorrência da crescente repressão militar, afirmando ter o pentecostalismo uma função conservadora, alienante politicamente e mantenedora do *status quo*. Suas pesquisas iniciais, ao contrário, compreendiam a importância da religião como promotora de mudança social. MARIANO. Sociologia do movimento pentecostal no Brasil: um balanço. Op. Cit., p. 17.

⁸ MARIANO. Sociologia do movimento pentecostal no Brasil: um balanço. Op. Cit., p.13.

⁹ Peter Fry, Gary Howe, Rubem Fernandes, citados por MARIANO. Sociologia do movimento pentecostal no Brasil: um balanço. Op. Cit., p.18.

¹⁰ ALVES. A volta do sagrado: os caminhos da sociologia da religião no Brasil. 1978, p.126 apud MARIANO. Sociologia do movimento pentecostal no Brasil: um balanço. Op. Cit., p.19.

cidades, ou seja, já possuíam experiências urbanas anteriores¹¹; David Martin afirma que a expansão pentecostal foi facilitada pela ruptura da união entre Igreja e Estado¹², mas ainda assim se utiliza do argumento funcionalista da desorientação dos migrantes nas grandes cidades, como uma das causas para o crescimento pentecostal na América Latina; Alejandro Frigerio, ao prevenir sobre possíveis preconceitos existentes nas interpretações marxistas e freudianas, que se referem às religiões como irracionais e produtos da ignorância, observa que a decisão por aderir a elas caracteriza-se, acima de tudo, por uma decisão individual e racional¹³.

O debate em torno do assunto é extenso, o que implica fazer escolhas. Nesse sentido, estabelecerei o intervalo de tempo entre os anos 2010-2015 como temporalidade a ser trabalhada, período que contempla o que foi publicado de mais antigo e mais recente sobre o tema da morte no site oficial da Igreja Universal. Além disso, organizarei esta monografia em dois capítulos: o primeiro tratará da Igreja Universal do Reino de Deus e seu contexto de criação, doutrina religiosa e dogmas. Ao mesmo tempo em que conclama a salvação da alma, enaltece a prosperidade financeira, mas sempre lembrando dos cuidados sobre uma vida saudável e equilibrada.

O segundo capítulo versará sobre como imaginários, práticas, comportamentos humanos relativos ao binômio existencial '*vida e morte*' aparecem nos discursos da Igreja Universal do Reino de Deus. Acreditamos que observar os princípios iurdianos torna possível compreender a sociedade contemporânea e suas transformações religiosas.

¹¹ PAGE. Brasil para Cristo, 1984 apud MARIANO. Sociologia do movimento pentecostal no Brasil: um balanço. Op. Cit., p.19.

¹² MARTIN. Tongs of fire: The explosion of protestantism in Latin América, 1990 apud MARIANO. Sociologia do movimento pentecostal no Brasil: um balanço. Op. Cit.,p.21.

¹³ FRIGERIO. Teorias econômicas aplicadas ao estudo da religião: em direção a um novo paradigma, 2000 apud MARIANO. Sociologia do movimento pentecostal no Brasil: um balanço Op. Cit., p.30.

1 A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

Neste primeiro capítulo trato da Igreja Universal do Reino de Deus, sua origem e suas bases teológicas para, no capítulo seguinte, observar os caminhos trilhados por esta denominação no seu discurso sobre o significado da morte associado à idéia de salvação da alma. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é uma invenção brasileira. Fundada na década de 1970 na cidade do Rio de Janeiro por Edir Macedo é classificada pela academia como uma denominação religiosa neopentecostal. Antes de adentrar na explicação de terminologias e classificações, é necessário primeiramente expor um pouco sobre a história da IURD. De acordo com o site oficial da Igreja Universal do Reino de Deus,

Tudo começou em um coreto no subúrbio do Rio de Janeiro. Com teclado, microfone e uma Bíblia, o então pastor Edir Macedo Bezerra ia todos os sábados ao bairro do Méier. Subia os sete degraus do coreto e pregava para poucos. Eram os primeiros passos da Igreja Universal [...] A primeira igreja foi erguida onde funcionava uma antiga funerária, no bairro da Abolição, também no Rio de Janeiro. O primeiro culto foi realizado naquele local, em 9 de julho de 1977. A ajuda dos primeiros membros foi fundamental. Albino da Silva encontrou o imóvel. Dona Lindalva doou o ventilador. [...] Logo nos primeiros anos, a nova Igreja atraiu milhares de pessoas, simbolicamente convertidas sempre com a imersão na água (cerimônia conhecida pelos cristãos como batismo).[...] A expansão da Igreja Universal, visível após o investimento em meios de comunicação e a organização de grandes eventos, gerou forte preconceito religioso. Os ataques colocaram o bispo Edir Macedo na prisão. Alguns anos depois, a Justiça o inocentou de todos os processos e inquéritos que o levaram à cadeia.¹⁴

Embora o objeto de estudo aqui exposto não seja os suportes midiáticos utilizados pela IURD como estratégias de *marketing*, eles são ferramentas primordiais enquanto contatos do público com a história da Universal¹⁵, seja através da mídia impressa, radiofônica e televisiva.¹⁶ Através da maneira como a história dos

¹⁴ “História da Universal”. Disponível em: <http://www.universal.org/institucional/historia-da-universal.html>. Acesso em: 12 set. 2014.

¹⁵ Para que o texto não se tornasse cansativo, utilizei os termos: Universal, IURD e Igreja Universal como sinônimo à Igreja Universal do Reino de Deus.

¹⁶ Exemplos de mídia impressa são os livros escritos pelo pastor Edir Macedo e o jornal impresso Folha Universal, um semanário gratuito com tiragem de mais de 2 milhões de exemplares com divulgação nacional. Segundo matéria da Folha de São Paulo, de 15 de dezembro de 2007, “Em 30 anos de existência, a Igreja Universal do Reino de Deus construiu não apenas um império de radiodifusão, mas um conglomerado empresarial em torno dela[...]23 emissoras de TV, 40 de rádio, dois jornais diários “Hoje

fundamentos desta igreja no Brasil é abordada no site, por exemplo, percebe-se a arquitetura teleológica da construção do discurso baseado na doutrina na qual se baseia para atuar no Brasil e em países do exterior, a Teologia da Prosperidade. Assim como por meio do sacrifício pelo qual passou o dono do que hoje representa o maior império religioso em extensão missionária, Edir Macedo conseguiu fama e sucesso em seu empreendimento religioso, toda e qualquer pessoa poderá, se contribuir financeiramente e com fé suficiente, alcançar a graça e ter os seus pedidos atendidos.

Diariamente são realizados cultos evangélicos, onde cada dia da semana uma temática é abordada. Na maioria das vezes os temas são tratados em âmbito nacional, a saber:

- **Segundas-feiras:** A busca pela prosperidade financeira e como resolver dificuldades relativas ao não pagamento das contas e a quitação das dívidas que não têm fim. Apontam como problemas dessa natureza afetam os casamentos e como só através do uso da fé inteligente é possível reverter esta situação que atinge milhões de pessoas em todo o mundo. O segredo em como conquistar a prosperidade financeira é ensinado no Congresso para o Sucesso, no Templo de Salomão, na cidade de São Paulo. Estes encontros são regados por palestras de pessoas que conseguiram prosperar financeiramente realizando os seus sonhos mais diversos: a compra da casa própria, a abertura de uma empresa, o tão desejado emprego, afinal de contas, segundo a pregação da Universal, não basta querer, mas fazer por onde para alcançar o sucesso. E promete: “a cada 27 minutos um brasileiro ingressa no clube dos milionários”;

- **Terças-feiras:** Cura e combate ao destruidor de sonhos e o que impede as pessoas de serem felizes nas diversas áreas de suas vidas: finanças, saúde, família. A IURD oferece ma saídas para todos os problemas que afligem o ser humano e o impede de “dar certo” a ponto de pensar em suicídio por não vislumbrar alternativas. Para vencer esses males, basta participar da “Reunião de Combate ao Destruidor de Sonhos”, que promete dar orientações quanto às ferramentas corretas para se alcançar uma vida de sucesso;

em dia”, de Belo Horizonte e “Correio do Povo”, de Porto Alegre.”. O site da Universal também informa que mantém páginas nas redes sociais como Facebook e Twitter; *TV Universal*, no ar desde 2011 na internet, 24h por dia; No rádio, pela *Rede Aleluia*, com cobertura de 75% do território brasileiro; Na TV Record, da qual é proprietária, com os programas *Fala que eu te escuto*, *The love School - A escola do amor*. A abordagem em geral trata de assuntos cotidianos como casamento, drogas, família, saúde, sexualidade, entre outros, e sempre que possível embasados em testemunhos e depoimentos dos fiéis.

- **Quartas-feiras:** Aborda as incertezas do futuro, inclusive no que se relaciona à pós-morte, ao destino da alma. Para ser aceito como filho de Deus é preciso crer que Jesus é o Único e legítimo Salvador, participando da Reunião dos filhos de Deus, na Noite da Salvação;
- **Quintas-feiras:** A temática centrada na felicidade conjugal e em como consolidar um casamento duradouro e feliz. Muitas experiências de casais são compartilhadas por vias de depoimentos e neste dia é realizada palestra intitulada “Terapia do Amor”.¹⁷
- **Sextas-feiras:** Os problemas decorrentes da atuação de espíritos malignos podem ser solucionados. De doenças aparentemente incuráveis a inveja que vitimiza e impede a felicidade, é preciso que o fiel nasça de novo e queira realmente se libertar das amarras decorrentes da falta de fé em Jesus. A Reunião da Libertação é a busca na identificação do que impede o fiel de ser feliz;
- **Sábados:** Dia dedicado aos problemas impossíveis de resolver. Doenças, uso de drogas na família, pensamentos negativos, ausência de paz de espírito, enfim, perturbações das mais diversas ordens cuja causa é desconhecida e de solução distante. O encontro neste dia é denominado Jejum das Causas Impossíveis, onde se promete pôr fim aos problemas, com cases de superação.
- **Domingos:** Encontro com Deus por vias de uma fé inteligente em que, segundo o site da IURD,

é muito importante que você desenvolva em sua vida a fé racional, para que por meio dela seja possível alcançar de Deus as maravilhas que Ele tem reservado para Seus filhos. Não importa se você está há anos na Igreja, ou se você recebe algumas bênçãos, é preciso que você tenha a consciência de que sua vida só será plena a partir do momento em que esse tipo de fé for presente continuamente em sua vida.¹⁸

Acompanhar as temáticas tratadas em cada dia da semana permite perceber que, dos sete dias da semana em que são oferecidos os cultos, três abordam de forma

¹⁷ O livro *Casamento blindado- o seu casamento a prova de divórcio*, escrito pelo casal de apresentadores Renato e Cristiane Cardoso do programa Terapia do Amor, da IURD, foi lançado não só no Brasil, mas em diversos países como Portugal, Espanha, Buenos Aires e mais recentemente (02/2015) em Nova Iorque (EUA), com grande aceitação do público. Disponível em: <http://noticiasdauniversal.blogspot.com.br/2013/05/casamento-blindado-e-sucesso-na.html>. Acesso em: 12 set. 2014.

¹⁸ “Reunião Encontro com Deus”. Disponível em: <http://www.universal.org/reunioes/encontro-com-deus>. Acesso em: 12 set. 2014.

explícita aspectos voltados à morte e ao morrer. É notável, sobretudo, que, apesar de ser um ministério cujo discurso aponte para uma filosofia de vida calcada na prosperidade financeira, o temor da morte seja um assunto muito presente. Isto se evidencia quanto às preocupações frente às perturbações humanas de ordem psicológica que podem levar o crente ao suicídio, assim como à aquisição de doenças da alma como a inveja ou decorrente de quaisquer sentimentos de ordem negativa fruto da falta de fé e da ação do diabo. Como em um “cardápio” que oferece uma opção de alimento em cada dia da semana, a “fome” do fiel, na Universal, deve ser saciada de acordo com as suas carências mais prementes quando o indivíduo opte por se libertar de algo nocivo e possa nascer de novo. Morrer para nascer de novo é adentrar no campo do simbólico de forma bastante contundente, já que não é possível, na prática, o morrer e o renascer do corpo.

O site da Igreja Universal do Reino de Deus informa a programação de todas as Igrejas no país, além de servir como veículo de informação dos conteúdos mais variados: notícias nacionais e internacionais, comportamento, histórias de vida, ações sociais, blogs, parceiros e até serviços como pastor on-line, Bíblia on-line entre outros, tanto em texto escrito como vídeos.

A Igreja Universal do Reino de Deus é considerada uma denominação neopentecostal. Segundo Abumanssur¹⁹, o termo neopentecostalismo só pode ser utilizado para denominar algumas poucas igrejas, como a IURD, Igreja Apostólica Renascer em Cristo, Internacional da Graça de Deus e Sara Nossa Terra²⁰ por terem em comum

a Teologia da Prosperidade, a organização da vida religiosa baseada num contrato de responsabilidades mútuas entre Deus e os seres humanos, a centralidade do sacrifício como elemento mediador entre as partes contratantes, a vida comunitária de baixa intensidade, as relações impessoais e a comunicação de massa com os fiéis. São características que as tornaram distintas das igrejas tradicionais.²¹

¹⁹ ABUMANSSUR, Edin Sued. Neopentecostalismo: o fast-food da fé. In: Religião no Brasil: ciência, cultura política e literatura. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

²⁰ Ainda segundo o autor, nem a Igreja Evangélica Bola de Neve pode ser considerada neopentecostal por ser a única em seu gênero. Liderada pelo apóstolo Rina, esta igreja tem por púlpito uma prancha de surf.

²¹ ABUMANSSUR. Neopentecostalismo: o fast-food da fé. Op. Cit., p.96.

1.1 A IURD no Brasil e em Uberlândia/MG

Como já mencionado, a IURD teve início no Brasil em 1977. Atualmente o site oficial da Igreja Universal²², através do campo de busca, indica haver 5.794 igrejas espalhadas em todo o Brasil. Em Minas Gerais, somam-se 512 e mais especificamente em Uberlândia, 13 igrejas. Em matéria publica em 05/10/2013 no jornal on-line Correio de Uberlândia, o professor João Fernandes Silva, do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), informa que o número de templos espalhados na cidade não corresponde aos divulgados pelas fontes oficiais por não estarem devidamente registradas.

O Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) informava haver até setembro de 2013, um total de 649 igrejas registradas. Em 2009 o número era menor, 514 igrejas, o que configura um aumento de 26,3% em um período de 5 anos. Desse total, 20% correspondiam a igrejas católicas e 80% a templos evangélicos²³. De acordo com o bispo da diocese de Uberlândia, Paulo Francisco Machado, o que justificaria a construção de 130 templos evangélicos em comparação a apenas 5 igrejas católicas em 5 anos seria a impossibilidade de compra de novos terrenos em detrimento dos preços destes e da conseqüente falta de verba.

Na mesma matéria, o teólogo Manuel Messias aponta as possíveis causas para o crescimento dos templos evangélicos em Uberlândia, sendo a principal delas a “personalização” da fé. Segundo ele

As pessoas têm sede de espiritualidade e estão em busca de um sentido para a sua existência. As reformas das igrejas luteranas e os desentendimentos dentro de um determinado grupo devido à interpretação da Bíblia faz com que se criem novos grupos. A facilidade em abrir igrejas também é uma causa. É preciso apenas registrar a instituição e ter alvará de funcionamento [...] Muitas pessoas frequentam duas ou três igrejas de credos diferentes. Na sexta toma passe no centro espírita, no sábado vai ao louvor evangélico e no domingo vai à missa da Igreja Católica. A pessoa acredita em uma parte do que as três religiões pregam e cria a sua própria fé.²⁴

²² Site oficial da Igreja Universal do Reino de Deus: www.universal.org.

²³ NOGUEIRA, Daniela. Número de templos cresce e Uberlândia tem 649 igrejas catalogadas. Jornal Correio de Uberlândia [versão on-line]. Uberlândia, 05 out. 2013. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/numero-de-templos-cresce-e-uberlandia-tem-649-igrejas-catalogadas/>. Acesso em: 07 ago.2014.

²⁴ NOGUEIRA. Número de templos cresce... Jornal Correio de Uberlândia, 05 out. 2013.

De acordo com Mariano²⁵, a partir da década de 1980, o campo religioso brasileiro tem apontado tendências de transformação de acordo com dados do Censo 2010 devido, principalmente, a intensa queda da representatividade numérica de católicos em detrimento do aumento do número de pentecostais e dos que se consideram sem religião²⁶. O autor cita ainda a representatividade estatística de adeptos a outras religiões como o Espiritismo, as Testemunhas de Jeová, a Umbanda e o Candomblé, utilizando a categorização empregada pelo próprio Censo, além de identificar o crescimento maior de umas e não de outras em decorrência de um intenso proselitismo. Não seria este, portanto, o único fator a explicar maior adesão a uma religião, devendo-se considerar, sobretudo, questões de ordem social no entendimento desse pluralismo religioso. Mariano aponta algumas probabilidades quanto ao crescimento do pentecostalismo no Brasil em que “tal desvinculação institucional tenha se acentuado entre indivíduos mais beneficiados pela elevação de renda e pela profusão de oportunidades criadas no mercado de trabalho formal e mesmo no ensino superior.”²⁷

Como exemplo deste último, o autor cita o Prouni²⁸, mas alerta quanto à fragilidade desses argumentos em se tentar vincular a expansão pentecostal a um público carente principalmente na esfera socioeconômica, pois, sendo assim, no momento em que o crente conquistasse ascensão social e econômica abandonaria a religião, o que não necessariamente acontece.

1.2 A IURD no exterior

De acordo com notícia veiculada na internet no dia 18/08/2012 através do site *r7.com*, a Igreja Universal possuía até aquela data filiais instaladas em quase 200

²⁵ MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. Debates do NER. Porto Alegre, Ano 14, N.24, p.119, Jul./Dez. 2013.

²⁶ O autor esclarece que se autodeclarar sem religião não necessariamente implica em falta de crença ou indiferença religiosa. Nesse sentido, lança os seguintes dados estatísticos a fim de demonstrar a afirmação em termos numéricos: “Entre 1980 e 2010, os católicos declinaram de 89,2% para 64,6% da população, queda de 24,6 pontos percentuais, os evangélicos saltaram de 6,6% para 22,2%, acréscimo de 15,6 pontos, enquanto os sem religião expandiram-se num ritmo ainda mais espetacular: quintuplicaram de tamanho, indo de 1,6% para 8,1%, aumento de 6,5 pontos.” MARIANO. Mudanças no campo brasileiro no Censo de 2010. Op. Cit., p.120.

²⁷ MARIANO. Mudanças no campo brasileiro no Censo de 2010. Op.Cit., p.129.

²⁸ “Programa do Ministério da Educação, criado pelo Governo Federal em 2004, que concede *bolsas de estudo integrais e parciais (50%) em instituições privadas de ensino superior*, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros, sem diploma de nível superior.” Disponível em <http://siteprouni.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 jul. 2015.

países²⁹. Traçando um breve histórico do início desta Igreja no Brasil, a matéria divulga o seu alcance geográfico no exterior

Hoje, a Igreja Universal do Reino de Deus está em quase 200 países. Os Estados Unidos, onde a igreja tem 190 templos atualmente, foram o ponto de partida para a internacionalização. Só em Nova York, ela está presente há 26 anos. Na mais importante cidade norte-americana, são oito templos com cultos em inglês e outros 11 com cultos em espanhol. A Universal está em países distantes como Letônia, Rússia, Grécia, Inglaterra, Moçambique, Japão, Argentina, México, Equador, Itália e China. Na África do Sul, chegou há 20 anos. Tem 382 templos no país, dos quais 153 só em Johannesburgo.³⁰

1.3 A Teologia da Prosperidade

A Teologia da Prosperidade surgiu na década de 1940, nos EUA. É também conhecida como Confissão Positiva ou Movimento da Fé devido a sua característica de confissão em voz alta. Segundo Mariano

Para os adeptos desta teologia, o que é falado com fé torna-se divinamente inspirado. Isto é, as palavras proferidas com fé encerram o poder de criar realidades, visto que o mundo espiritual, que determina o que acontece no mundo material, é regido pela palavra.³¹

Traçando um breve histórico da construção dessa Teologia nos EUA, apesar de datar da década de 1940, só adquiriu, segundo Mariano, caráter doutrinário a partir da década de 1970, sob a liderança do texano Kenneth Hagin. Nascido em 1917, este pastor evangélico batista acreditava na cura divina e aproximando-se dos pentecostais tornou-se pastor da Assembléia de Deus em 1937, assim permanecendo durante doze anos. Funda seu próprio ministério³² em 1962, projeto viabilizado devido ao seu envolvimento em campanhas de cura divina nos EUA após a Segunda Guerra Mundial.

²⁹ O site r7.com é o jornal online da Rede Record, emissora pertencente ao Pastor Edir Macedo.

³⁰ Expansão da Igreja Universal pelo mundo já atinge quase 200 países. Jornal R7.com [versão on-line], de 18/08/2012. Disponível em: <http://noticias.r7.com/brasil/noticias/expansao-da-igreja-universal-pelo-mundo-ja-atinge-quase-200-paises-20120818.html>. Acesso em: 05 ago. 2014.

³¹ MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a Teologia da prosperidade. Novos Estudos, CEBRAP, nº44, mar. 1996, pp.29. Disponível em: http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/78/20080626_os_neopentecostais.pdf. Acesso em: 05 ago. 2014.

³² Segundo Mariano, os cultos religiosos do pastor Hagin preconizavam “transes, visões, profecias, revelações e experiências sobrenaturais”, o que conferiu a ele ser considerado uma “autoridade espiritual”. Em algumas ocasiões o pastor alega ter se comunicado pessoalmente com Jesus. MARIANO. Os neopentecostais e a Teologia da prosperidade. Op. Cit.,101.

A Teologia da Prosperidade consiste em um sincretismo de tradições religiosas orientais e ocidentais. Depois de Hagin, outros líderes religiosos vêm propagando esta teologia em todo o mundo cujo princípio defendido é o de que, em nome de Jesus, “direitos” cristãos como saúde, prosperidade material e felicidade, constantes na Bíblia, podem e devem ser exigidos, ao invés de pedidos. A explicação disso estaria na Bíblia, já que

[...] através do sacrifício vicário de seu filho, Deus já fez o que poderia pela humanidade, perdando o pecado original e tornando, desde então, suas graças de saúde, prosperidade e vitória disponíveis aos homens nesta vida. Estes devem decretar, determinar, exigir, reivindicar, em nome de Jesus, como Deus prescrevera, para “tomar posse” das bênçãos a que têm “direito”.³³

A partir da década de 1970 é que a Teologia da Prosperidade chega ao Brasil por meio de igrejas como IURD, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica, Ministério Palavra da Fé, entre outras. Como explica BITUN³⁴, estas denominações religiosas apegam-se na fé em Jesus para, em seu nome, possuírem tudo aquilo que desejarem. Ainda segundo o autor, há uma busca constante por cursos e literaturas divulgadas no exterior como espaço de aprendizado de “tudo o que rola” lá fora a fim de que seja posto em prática aqui, de uma forma bem brasileira, adaptada a nossa cultura de maneira personalizada e que cria a falsa ilusão de um pioneirismo brasileiro.

Diferente do protestantismo calvinista descrito por Weber³⁵, em que o crente deveria incorrer numa série de boas ações baseadas em uma ética de vida visando única e exclusivamente à salvação da alma, não podemos atribuir apenas a Reforma a responsabilidade pelo surgimento do “espírito capitalista” por já existirem antes mesmo dela “*formas importantes de negócio capitalista*”. Entre as propostas da IURD, uma delas aponta para a possibilidade de prática de uma fé racional, porém, como isso é possível se ela se fomenta através da “mágica” para solucionar as mazelas humanas? Mágica no sentido de que não é preciso seguir-se uma ética de vida, mas apenas sacrificar-se e ter fé. Exemplo disto é a facilidade de conversão de pessoas que antes se

³³ MARIANO. Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. Op. Cit., p.30.

³⁴ BITUN, Ricardo. A “remasterização” do movimento pentecostal Igreja Mundial do Poder de Deus. Revista de Teologia e Cultura. Edição nº 23, ano V, Maio/Junho 2009. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/artigos/a-remasterizacao-do-movimento-pentecostaligreja-mundial-do-poder-de-deus/>. Acesso em: 05 ago, 2014.

³⁵ WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp.81-83.

consideravam perdidas e pecadoras, mas de um momento para outro decidem agir ou comportar-se de uma maneira que, segundo elas, as conduz a decência e a prosperidade. E mais, estas denominações as aceitam em seus templos sem qualquer pudor. É um tipo de prática que rompe, sobretudo, com a ideia de processo com a qual estamos acostumados a ler e interpretar a História.

1.4 As três ondas pentecostais no Brasil

Muitos dos autores que escrevem sobre denominações religiosas pentecostais as dividem em três ondas. O nome de cada uma só varia em decorrência do estudioso escolhido e percebe-se na literatura que Paul Freston é o mais referenciado. Ele divide o movimento pentecostal em três ondas³⁶, o quê, segundo Moraes³⁷ é bastante usado nos EUA por se tratar de uma metáfora marinha para transmitir a ideia de movimento, de algo mutável e adaptável de acordo com tempo, como é o caso da linha pentecostal nos EUA. Freston (1995), apud Mariano³⁸, divide em três “ondas” o movimento pentecostal no Brasil, oriundo dos Estados Unidos:

- **1ª onda** (Pentecostalismo Clássico/1910-1950): Congregação Cristã no Brasil (São Paulo, 1910) e as Assembléias de Deus (Belém, 1911). Compostas inicialmente por pessoas pobres e de escolaridade deficiente eram alvo da Igreja Católica. Enfatizavam a glossolalia e a volta de Cristo e sobre isso Mariano³⁹ complementa

Hoje seu perfil social mudou parcialmente. Embora continuem a abrigar sobretudo as camadas pobres e pouco escolarizadas, também contam com setores de classe média, profissionais liberais e empresários.

- **2ª onda** (Pentecostalismo Neoclássico/1950 e início dos anos 1960): Igreja do Evangelho Quadrangular (São Paulo, 1951), Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), todas com foco na cura divina. Vale salientar que a do Evangelho Quadrangular tem origem norte-americana e “troux

³⁶ Paul Freston se apropria da divisão do movimento pentecostal em “ondas” já utilizado por David Martin, embora quando se refira ao Brasil tenha sido o primeiro a fazê-lo. MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo: um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. Revista de Estudos da Religião – REVER. Jun/2010. p.2.

³⁷ MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo: um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. Revista de Estudos da Religião – REVER. Jun/2010. p.2. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf?origin=publication_detail. Acesso em: 10 out. 2014.

³⁸ MARIANO, Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. Op. Cit., p.25.

³⁹ MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.29.

para o Brasil o evangelismo de massa, centrado na mensagem da cura divina”⁴⁰, enquanto as duas restantes são brasileiras. De contexto paulista, identifica-se aqui um maior dinamismo na maneira de se relacionar com a sociedade, embora a Congregação Cristã continue a não fazer uso das mídias de massa. Mariano⁴¹ afirma que “a ênfase teológica no dom de cura divina, a partir dos anos 50, foi crucial para a aceleração do crescimento e diversificação institucional do pentecostalismo brasileiro.”.

- **3ª onda** (Neopentecostalismo): Tipicamente brasileira, tendo como representante principal a Igreja Universal do Reino de Deus (Rio de Janeiro, 1977), seguida da Igreja Internacional da Graça de Deus (Rio, 1980); Igreja Renascer em Cristo (São Paulo, 1986); Comunidade Sara Nossa Terra (Goiás, 1976); Igreja Paz e Vida; Comunidades Evangélicas, etc. Para Freston, citado por Mariano⁴²

[...] ela é mais liberal em áreas como vestuário e embelezamento femininos⁴³, características que combinam com o seu relativo não-sectarismo. As igrejas da terceira onda enfatizam a libertação dos demônios, enquanto a primeira onda privilegia as línguas estranhas e a segunda, a cura divina.

Moraes, por sua vez, discorda do termo *neopentecostal* utilizado por Freston devido a este não abarcar suficientemente a heterogeneidade dos discursos e práticas das denominações religiosas protestantes pós anos 1970. Exemplo disto é a Igreja Universal do Reino de Deus, mais flexível em relação ao aborto e ao divórcio e que vai de encontro ao posicionamento da também neopentecostal Igreja Internacional da Graça de Deus, totalmente desfavorável a tais práticas.⁴⁴ Por isso, ao invés do vocábulo *neopentecostal*, Moraes opta por *transpentecostal*, cujo prefixo *trans*, de origem latina, significa “para além de”⁴⁵.

⁴⁰ MARIANO. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. Op.Cit., p.30.

⁴¹ MARIANO. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. Op.Cit., p.31.

⁴² MARIANO. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. Op.Cit., p.36.

⁴³ Em 2014 foi construído na cidade de São Paulo o Templo de Salomão, uma réplica do primeiro templo em Jerusalém para adoração a Deus e propriedade da IURD. Pelas palavras do pastor Edir Macedo, “Se eu não posso trazer todo o povo para cá, então vou levar pedaços desta terra para eles”, porém, só é possível entrar no templo sob certas condições, uma delas é o vestuário: roupas curtas, camisetas e chinelos não são permitidos, evidência incontestável de que pessoas com comportamento e aparência de pobres devem se portar como se fossem social e economicamente privilegiadas. Disponível em: <http://www.otemplodesalomao.com/#/otemplo>. Acesso em: 20 fev.2015.

⁴⁴ MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo: um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. Revista de Estudos da Religião – REVER. Jun/2010. p.2. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf?origin=publication_detail. Acesso em: 10 out. 2014.

⁴⁵ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/trans>. Acesso em: 05 ago. 2014.

1.5 Fundamentalismo religioso

A partir de algumas leituras sobre fundamentalismo religioso, seja ele cristão, islâmico, judeu, entre outros, o que chama a atenção é que só se enxerga o fundamentalismo no outro, assim como ocorre com o civilizado em relação ao bárbaro. No cristianismo não seria diferente. O sociólogo Manuel Castells, ao tratar desse assunto, decide antes de tudo estabelecer uma breve definição de religião. Segundo ele

É um atributo da sociedade, e ousaria dizer, da natureza humana, se é que tal entidade existe, encontrar consolo e refúgio na religião. O medo da morte, a dor da vida, precisam de Deus e da fé n'Ele, sejam quais forem suas manifestações, para que as pessoas sigam vivendo. De fato, fora de nós, Deus tornar-se-ia um desabrigado.⁴⁶

O fundamentalismo, que para o autor é o “algo a mais” que cruza a fronteira da religião, tem seu protagonismo na construção da identidade de qualquer sociedade e trazendo a análise para o campo religioso das denominações neopentecostais, deuteropentecostais⁴⁷, transpentecostais, ou quaisquer nomenclaturas que cada estudioso da área deseje fazer uso, o fato é que determinar algo como sendo fundamentalista requer certos cuidados para que não incorra-se em radicalismos ou exageros. Conceição e Moraes Junior esclarecem que

A palavra “fundamentalismo” tem sido usada, de modo geral, para abarcar todos os tipos de reação ao mundo moderno, fomentados por grupos de inspiração religiosa e ideológica. [...] No sentido restrito, fundamentalismo refere-se ao movimento originário dos Estados Unidos da América, surgido no início do século XX em denominações evangélicas de vertentes batistas, presbiterianas, metodistas e outras, como reação às pesquisas da chamada “alta crítica” teológica, que desmistificavam a origem e interpretação de textos bíblicos, mediante aplicação das ciências humanas e, em especial, da hermenêutica histórico-crítica moderna. Para os pesquisadores, essas pesquisas estavam ameaçando destruir a base doutrinária das igrejas.⁴⁸

⁴⁶ CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p.29.

⁴⁷ MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.32: “o radical *deutero* (presente no quinto livro do pentateuco) significa *segundo* ou *segunda vez*, sentido que o torna muito apropriado para nomear a segunda vertente pentecostal. Temos, assim, primeiro o pentecostalismo clássico, seguido do deuteropentecostalismo.”

⁴⁸ CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da; MORAES JUNIOR, Manoel Ribeiro de. (Org). BAPTISTA, Paulo. Fundamentalismo e identidades no campo evangélico brasileiro. In: Religião no Brasil: ciência, cultura política e literatura. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, pp.75-76.

Mendonça⁴⁹, à luz de José Miguez Bonino, lança a hipótese de quatro diferentes *personae* no cenário do protestantismo brasileiro atual: a *persona* liberal, a evangelical, a fundamentalista e a neopentecostal. Antes de qualquer posicionamento problematiza a definição do termo “evangélico”, amplamente aceito como abarcando todos os cristãos não-católicos, um radicalismo determinado pela “lógica” de que todo não-católico é evangélico. Mas será que diante de tantas denominações religiosas no Brasil, cada qual com suas semelhanças e diferenças, é possível fazer esse tipo de distinção tão nua e crua? Por ser um conceito heterogêneo é complicado distinguir dentro do próprio corpo evangélico os considerados não-fundamentalistas.

Ainda segundo o Mendonça⁵⁰, existem algumas características do que ele chama de crença fundamentalista as quais devem ser levadas em consideração

1. Gosto exagerado pelas profecias, como abandono relativo dos demais quadros básicos da fé cristã; 2. Expectação permanente da volta de Jesus Cristo; 3. Insistência em sinais; 4. Insistência em quadros referenciais de doutrinas que possam transmitir segurança, ou melhor, respeito pela reta doutrina (dogmatismo); 5. Desconfiança para com a ciência e toda forma de saber que não tenha referencial bíblico; 6. Certeza de que os que não compartilham com seus pontos de vistas religiosos não são absolutamente cristãos.

Algumas dessas características são identificadas na Igreja Universal do Reino de Deus, exceto a utilização de profecias e a expectativa pela volta de Cristo. Apesar disso, apresenta forte reticência em relação a outras denominações religiosas, embora este não seja um *modus operandi* apenas da IURD. Se observarmos o surgimento das religiões como um todo, a razão de existir delas é justamente a impossibilidade encontrada por algum grupo de pessoas em concordar com doutrinas e práticas religiosas vigentes. Foi assim com o catolicismo e com tantas outras e a evidência dessa intolerância foram e são as mortes e perseguições impetradas contra opositores ou àqueles que não seguem a determinados padrões socialmente considerados “normais”.

O campo religioso brasileiro, segundo Paegle⁵¹, é um espaço composto por dinamismos capazes de acolher as inúmeras abordagens religiosas com as quais nos

⁴⁹ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição, 1990. In: As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. São Paulo: Editora Vozes, 2011, p.11.

⁵⁰ MENDONÇA. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. Op. Cit., p.141.

⁵¹ PAEGLE, Eduardo Guilherme de Moura. A “mcdonaldização” da fé – um estudo sobre os evangélicos brasileiros. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola

deparamos atualmente. Para este sociólogo, “a idéia de campo religioso se insere em sociedades em que existe uma condição de disputa competitiva entre as diversas denominações, em busca do maior número de fiéis possíveis”. Diariamente uma nova igreja é aberta no Brasil, bastando um pequeno espaço para que as reuniões aconteçam. Como que numa busca incessante por alternativas frente aos problemas e carências humanos deposita-se a confiança em líderes de linguajar precário, alguns deles sem qualquer conhecimento de hermenêutica⁵²

Seguindo a tradição leiga do pentecostalismo, os pastores da Universal não possuem formação em seminários ou faculdades de Teologia. A igreja, que por vários anos manteve, no Rio de Janeiro, a Faculdade Teológica Universal do Reino de Deus (Faturd), que oferecia cursos básicos (três anos) e de bacharelado em Teologia (quatro anos) desistiu de prover formação teológica aos pastores quando percebeu que isso, além de gastar inutilmente seu tempo, tenderia a diminuir seu fervor e distanciá-los das demandas imediatas dos fiéis. Em seu lugar, criou o Instituto Bíblico Universal, que oferece curso de frequência não obrigatória e duração de seis meses, cujas lições, de fácil e rápido aprendizado, destinam-se inteiramente à aplicação prática no trabalho pastoral.

Esse mercado evangélico é chamado por Paegle⁵³ sob o uso do neologismo *mcdonaldização*, em referência aos estabelecimentos que oferecem uma solução rápida para aquilo que se deseja: saciar a fome. É o self-service religioso, cuja fome converte-se nos medos e anseios que precisam ser acalmados e alcançados, respectivamente. O cardápio é variado, já que cada dia da semana se propõe a solução de uma questão humana diferente. De maneira similar, Abumanssur trata da busca por prosperidade, pela cura das doenças, do distanciamento de sentimentos negativos, do sucesso em atingir metas pessoais entre outras preocupações que se encontram disponíveis nos *fast-foods* da fé, cujo preço a ser pago pode ser maior do que o fiel de fato teria condições de pagar e sem garantias de êxito asseguradas.

Fazendo um percurso de análise sobre certas diretrizes da Igreja Universal do Reino de Deus e tomando parte das fontes e das referências aqui citadas como caminhos

Superior de Teologia. Vol.17, Set/Dez 2008, p.87. Disponível em: www3.est.edu.br/nepp/revista/017/ano07n3_06.pdf. Acesso em: 05 fev, 2015.

⁵² MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p.63.

⁵³ PAEGLE, Eduardo Guilherme de Moura. A “mcdonaldização” da fé – um estudo sobre os evangélicos brasileiros. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia. Vol.17, Set/Dez. 2008, pp.86-99. Disponível em: www3.est.edu.br/nepp/revista/017/ano07n3_06.pdf. Acesso em: 05 fev, 2015.

de abordagens possíveis, observamos que, aquilo que inicialmente parecia dicotômico, para uma denominação religiosa apoiada na Teologia da Prosperidade, que trata da vida, o tema da morte – um assunto tão caro aos dias atuais - abre-se como oportunidade de se problematizar como relação dialética entre assuntos aparentemente opostos. Esta é a aproximação buscada no capítulo a seguir.

2 MORTE E SALVAÇÃO: SIGNIFICADOS NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.

Pretendo neste segundo capítulo abordar os temas morte, vida e salvação sob a ótica da Igreja Universal do Reino de Deus. Menciono inicialmente as transformações pelas quais as práticas e maneiras de lidar com a morte foram se estabelecendo no Ocidente para, no decorrer do tema, localizar a ideia de salvação, pós-morte ou mesmo em vida; da alma, mas também do corpo. Trato desta maneira por não perceber de forma clara que, ao falar em salvação, a IURD se refira apenas ao destino da alma, mas à possibilidade de uma salvação em vida, já que o seu discurso, na maioria das vezes, remete à chance de arrependimento que pode ser impossibilitado com a chegada da morte repentina.

Mas quais transformações teriam ocorrido na cristandade ocidental na maneira de encarar a morte? Teria havido mudanças tão radicais assim a ponto de não percebermos permanências ou aspectos que, apesar do tempo, continuariam os mesmos? Para Ariès⁵⁴, é justamente nesse lugar que o historiador deve ter atenção, pois

como muitos outros fatos de mentalidade que se situam em um longo período, a atitude diante da morte pode parecer quase imóvel através de períodos muito longos de tempo. Aparece como acrônica. Entretanto, em certos momentos, intervêm mudanças, frequentemente lentas, por vezes despercebidas, hoje mais rápidas e mais conscientes.

Sendo a Igreja Universal do Reino de Deus criada no Brasil na década de 1970 e as fontes sob as quais esta pesquisa se sustenta datarem de 2010 a 2015, minha análise não se aplicaria ao conceito de longa duração, no qual o tema morte se encaixaria, pois neste curto recorte temporal escolhido não teriam ocorrido mudanças significativas na maneira de encarmos a morte, pelo menos no fato de, por um lado, não querermos falar sobre ela e, por outro, de o tema do morrer ser recorrente na mídia contemporânea. Algumas mudanças se apresentam na cultura de uma maneira geral, já que com a massificação crescente dos meios de comunicação, a tendência é a de que cada vez mais pessoas tenham acesso a uma quantidade maior de informações oriundas das mais longínquas partes do mundo. Como afirma Carvalho

⁵⁴ ARIÈS, Philippe. História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, p.17.

A cultura da violência é promovida pela mídia como uma resposta ao cotidiano social que busca combater a rotina, proteger-se e livrar-se do perigo, em uma negação que equivaleria a uma pessoa dizer “ainda bem que não aconteceu comigo”. Não importa mais a informação, mas o quanto o elemento violência é capaz de ser mantido a fim de expiar a angústia dos indivíduos.⁵⁵

Não pretendo com isso adentrar em discussão profunda sobre a relação entre mídia e violência, ou muito menos demonizar os meios de comunicação, uma vez que estes não estão diretamente relacionados à temática desta monografia, mas apenas demonstrar como o medo da morte aparece de maneira implícita nesses tipos de notícia que, queiramos ou não, fazem parte do nosso cotidiano de maneira significativa.

Morre-se todos os dias e de todas as causas possíveis: de forma violenta, acidental, decorrente de problemas de saúde, enfim, é justamente sobre esta última que pretendo atuar mais adiante neste capítulo, uma vez que é sob este viés que a Igreja Universal do Reino de Deus disponibiliza grande parte de suas notícias ao abordar as temáticas morte e vida.

Rodrigues⁵⁶ esclarece que uma das coisas que nos torna diferentes dos outros animais é justamente a capacidade de perceber a morte, não no sentido de pressentir o perigo e agir de maneira a se auto preservar, mas de reconhecer quando a vida do outro chega ao fim ou sequer ter consciência de sua própria finitude. Nesse sentido

O animal, enfim, não se sabe mortal: ele não pode se representar a morte, não pode conceptualizá-la, mesmo que de alguma forma possa captá-la no plano da sensibilidade. Os casos de animais domésticos, capazes, como alguns cães, de se recusar a abandonar as proximidades do túmulo do dono, dispostos algumas vezes a acompanhá-lo – e que demonstrariam desse modo alguma consciência da morte – são absolutamente excepcionais: são exceções que confirmam a regra, pois, como quer Morin, a consciência da morte está ligada à domesticação, à vida em sociedade humanamente organizada.

Analisar o conceito “Morte” no decorrer da História é percorrer o entendimento e a forma com que as sociedades ao longo dos tempos a encaravam e com ela conviviam e convivem. Afinal de contas, a morte sempre fez parte de nossas vidas. A única certeza que podemos ter na vida é a que ela é inevitável, mudando apenas a maneira de ver esse momento que, de acordo com as diferenças culturais, pode ser triste e amedrontador, ou

⁵⁵ CARVALHO, Denise W, FREIRE, M. T, VILAR, G. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. Revista Panam Salud Pública. 2012, p.436. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/rpsp/v31n5/a12v31n5.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

⁵⁶ RODRIGUES, José Carlos. Tabu da Morte. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2006, p.18.

emotivo e festejado, porém inevitável. E é justamente a ‘maneira de ver esse momento’, e as suas mudanças ao longo do tempo, o objeto do historiador.

Em cada momento histórico, a morte e o morrer possuem um significado. Objeto de preocupação dos homens ao longo da história, sua interpretação e definição ocorrem conforme o tempo vivido e os desafios enfrentados de cada época. Para greco-romanos do período clássico os seres humanos tinham o direito de morrer quando se encontravam moribundos, ou seja, de pôr fim à própria vida, prática que aos dias de hoje corresponde à realização da eutanásia, um procedimento que gera debates polêmicos nas esferas religiosa e jurídica na atualidade.

Para filósofos como Platão e Cícero, “preocupar-se em morrer é a boa via para filosofar.”⁵⁷. Vida e morte se relacionavam a tal ponto que as tumbas eram construídas próximas às casas. Isto por que o *pagus*, a terra, representava o que havia de mais sagrado por conter nela o corpo dos ancestrais, sendo, inclusive, de *pagus*, a origem do termo paganismo. Outra demonstração de culto à morte de maneira central apresenta-se na civilização do Egito Antigo, quando da prática de mumificação dos corpos daqueles que, acima de tudo, possuíam condições para realizá-la.

Segundo Marton (2012), enquanto no paganismo há a noção de que a vida é substituída pela morte, havendo, portanto, o direito de morrer, no cristianismo há uma inversão destes valores, pois a partir do momento em que Deus confere ao homem o dom da vida, esta deve ser preservada. Neste momento, o foco passa a ser a vida e não mais a morte, mudança esta calcada na crença da ressurreição de Cristo, renascido da morte. Nesse sentido, a morte passaria a ser negligenciada uma vez que a celebração seria a vida a ser vivida.

Da Antiguidade para o período compreendido como Idade Média há certas diferenças na maneira de lidar com a morte. Enquanto na antiguidade greco-romana os homens se reconheciam com o direito à morte, sendo possível até a sua antecipação, na Idade Média ela era temida. Mas esse medo não era o mesmo que encontramos na contemporaneidade, e sim no fato de não haver a devida preparação quando de sua chegada. Amedrontador era para aqueles homens morrer repentinamente, sem qualquer possibilidade de realizar suas confissões ou de elaborar testamentos, preocupações que

⁵⁷ Citado pela filósofa Scarlett Marton em palestra proferida em 10 de maio de 2012, promovida pela TV Cultura no Café Filosófico sob o tema: “A Morte como instante de vida”. Os demais esclarecimentos sobre o paganismo também são de sua autoria. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=A46dfe8B5Us>. Acesso em: 18 jul. 2014.

giravam em torno do medo do Purgatório e motivação quanto ao medo da Morte, que era implementada via “pedagogia do medo” pela Igreja Católica.

Sobre a Idade Média europeia, Ariès afirma que

Não se morre sem se ter tido tempo de saber que se vai morrer. Ou se trataria da morte terrível, como a peste ou a morte súbita, que deveria ser apresentada como excepcional, não sendo mencionada. Normalmente, portanto, o homem era advertido.⁵⁸

O medo da morte relacionava-se diretamente à presença da alma no Purgatório, lugar de transição entre o Céu e o Inferno. Quanto menos tempo no Purgatório, melhor, visto ser o céu, e não o inferno, o local almejado pela alma de qualquer pessoa após a morte. Morrer demandava preparo e precauções. Em vida, testamentos deveriam deixar devidamente formalizados os desejos e as vontades do morto em relação à sua herança, produto de grande cobiça por parte da Igreja e dos herdeiros.

Analisando o conceito de morte deste período, no contexto do Brasil colonial, compreendido entre os séculos XVI e XIX, eis algumas considerações à luz de determinados autores sobre o tema. Nos séculos XVII e XVIII, observações sobre a quantidade de missas a serem rezadas em favor da alma do morto, o tipo de funeral a ser realizar, com mais ou menos pompa, a quitação das dívidas, caso houvesse, valores a serem doados para a Igreja entre outros relatos, deveriam constar nestes documentos, uma vez que

Ter uma “boa morte”, encaminhando bem o destino da alma, demandava trabalho, tanto do próprio quanto de outros, com diversos mecanismos de salvação: redação de testamentos, sacramentos ministrados ainda em vida, mortalhas específicas, cortejos, lugar do enterramento e, após “a alma sair desse mundo”, missas de corpo presente e outras, distribuídas conforme as posses da família do falecido e fiscalizadas por testadores e juízes competentes.⁵⁹

Embora os testamentos fossem manifestações da vontade do defunto, havia no período pombalino uma legislação específica que visava coibir a prática de abusos por parte da Igreja, no sentido de só poderem comprometer uma terça parte da herança para fins religiosos, havendo um “teto” máximo a ser destinado à salvação das almas. Era muito comum, no período colonial, que as honras fúnebres acontecessem cercadas de

⁵⁸ ARIÈS. História da Morte no Ocidente. Op. Cit., p.17.

⁵⁹ FARIA, Sheila de Castro. A Colônia: Paraíso ou Purgatório. In: A Colônia em Movimento: Fortuna e Família no Cotidiano Colonial. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1998, pp.265-266.

toda a pompa, embora houvesse já na passagem do século XVIII para o XIX um ou outro caso de pessoa que registrasse o desejo de ter um enterro humilde, com vestimentas simples no corpo e o pedido de realização de poucas missas, o que denota, mesmo em pequenas proporções e de maneira discreta, uma mudança em relação ao medo do Purgatório e do Inferno. Eram poucos os casos em que ocorria esse tipo de solicitação quanto às cerimônias fúnebres, já que a prática recorrente na época ainda eram os enterros pomposos, correspondentes, obviamente, à situação financeira do morto.

A partir do momento em que a Igreja Católica, no século V, faz do catolicismo a religião oficial no ocidente cristão, uma série de práticas, entre elas as relativas à morte são implementadas, surgindo a preocupação em preparar-se para o momento de sua aproximação, com as representações quanto ao dia do juízo final, Purgatório, Céu e Inferno, entre outros. Cabia à Igreja Católica ensinar as pessoas o “bem morrer”, e a estas, aprender. Como mencionado por Faria⁶⁰, todo ritual girava em torno da preparação para a morte, cuja preocupação primordial era a salvação da alma. A Igreja obteve êxito nessa investida devido “a proximidade da morte ter se constituído na ocasião propícia para a Igreja convencer os fiéis a respeito das consequências, no além-túmulo, de suas atitudes em vida⁶¹.”.

Segundo Ariès⁶² e Silva⁶³, havia uma noção de “morrer como uma arte”, ou seja, para bem morrer era necessário seguir alguns passos, como se houvesse uma receita para tal, em que o moribundo, aquele que se encontrava em seus últimos momentos, acreditava encontrar-se na presença de anjos e demônios. Os procedimentos para uma boa morte encontravam-se presentes em manuais que preparavam as pessoas para esta ocasião. A razão destes manuais, elaborados pela própria Igreja, era alcançar a todos os públicos, por serem em sua grande maioria, iletrados neste período.

As regras do viver e do morrer ditadas pela Igreja Católica encontraram já na Baixa Idade Média os primeiros questionamentos levantados pelo pensamento humanista nos campos das artes, literatura e por que não da religião, cujas manifestações valorizavam o homem e a sua natureza em detrimento do divino e do

⁶⁰ FARIA, A. Colônia: Paraíso ou Purgatório. Op.Cit., p.264.

⁶¹ RODRIGUES, Cláudia. Nas fronteiras do Além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p.39.

⁶² ARIÈS, Philippe. História da Morte no Ocidente. Op. Cit.

⁶³ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A doença e as atitudes perante a morte. In: Nova História da Expansão Portuguesa: O império luso-brasileiro 1750-1822. Lisboa: Editorial Estampa, 1986, pp.62.

transcendente. Vale salientar que este processo não necessariamente rompeu com a religião, mas transformou a sua filosofia, a maneira de observá-la, por vias de movimentos reformistas católicos e protestantes entre os séculos XV e XVI na Alemanha (luteranismo), Inglaterra (anglicanismo) e França (calvinismo), uns mais radicais em relação aos outros.

Algumas motivações foram determinantes para que se desse início à Reforma, entre elas a corrupção e a indisciplina dos padres, além da venda de indulgências, ou seja, a obtenção do perdão a partir da troca de valores. Em relação a esta última, é praticamente impossível não se fazer um paralelo com o objeto tratado nesta monografia, a Igreja Universal do Reino de Deus, uma vez que, calcada na Teologia da Prosperidade, reforça a necessidade, além da fé, do pagamento do dízimo como forma de alcançar a graça desejada. Seria este um resquício de práticas católicas medievais na atualidade?

Apenas esclarecendo este questionamento, é sabido que a busca por salvação durante a Idade Média tinha uma importância maior do que se tem hoje. Salvar-se implicava temer o destino da alma após a morte e embora este discurso ainda seja utilizado pelo homem moderno e contemporâneo ele se localiza de maneira fragmentada e menos impactante como em outros momentos. Para Zilles, salvação “significa paz na natureza, paz entre os povos, paz entre Deus e os homens” e não paz interior apenas. Ao se referir aos cristãos afirma

[...] professamos e testemunhamos que Jesus Cristo é a salvação do mundo. Mas podemos perguntar-nos: não se tornou a salvação um conceito vazio, sem conteúdo atual? Desde o *Iluminismo*, o homem ocidental crê sempre mais ter entrado em sua maioridade para resolver seus problemas com suas próprias forças. Pensa que o mal é apenas um fenômeno que pode resolver com sua própria inteligência. Para problemas espirituais, p.ex., recorre à psicoterapia. Ademais, certa teologia tradicional considera a salvação e o mal de maneira exclusivamente espiritualista e individualista. Com isso tirou-se ao conceito bíblico de salvação a força existencial aqui e agora.⁶⁴

Apoiando-me na citação acima é possível estabelecer ligações entre a “perda” de uma busca de salvação pensada coletivamente, se é que ela algum dia existiu, por uma salvação individual pensada por indivíduos que não querem sofrer, adoecer, passar por privações de ordens financeira, física, nutricional, estética, enfim, que almejam experimentar situações que proporcionem uma vida plena e de aparente “imortalidade” evidenciada na nossa perplexidade em relação à morte do outro. Como citado no início deste capítulo, após breve explanação das transformações pelas quais passaram as visões sobre a morte e o morrer, no decorrer da história, é possível, portanto, perceber

⁶⁴ ZILLES, Urbano. Os sacramentos da Igreja Católica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, pp. 65-66.

em quê o discurso da Igreja Universal sobre morte e vida se sustenta, considerando a quantidade expressiva de notícias veiculadas no site oficial da IURD voltada para os cuidados com a saúde do crente. Escolhi cinco notícias de forma aleatória, buscadas no site oficial da Universal que contemplam os termos como vida, morte, salvação, saúde. Por perceber que muitos dos artigos recuperados a partir da palavra morte traziam matérias sobre os cuidados com saúde, inclui esta última possibilidade. Verifiquei que, das quatro palavras-chaves mencionadas, muitas se cruzam no mesmo texto, como mostram os exemplos abaixo:

Título: “As “drogas do estupro”: Conheça mais motivos para ficar longe de bebidas e baladas.⁶⁵**Trecho:** “Alguns desses produtos, usados de forma errada, podem até mesmo levar a vítima ao coma ou à morte; Se desconfia que algum amigo ou amiga está sob o efeito dessas drogas, é melhor tirá-lo da festa e encaminhá-lo a um hospital. Você ainda frequenta festas ou lugares perigosos e quer mudar sua vida para melhor, antes de se lamentar pelo resto da vida por acontecimentos como esses? Que tal ir a uma reunião na Universal?”.

Título: “Demônios e possessões: o que você precisa saber sobre isso⁶⁶.**Trecho:** “Quando eles entram realmente na vida dos seres humanos, isso é chamado de possessão; Quando Jesus disse na cruz “está consumado”, quis dizer que a Sua Obra estava feita, e quando ressuscitou dos mortos, demonstrou poder sobre a morte.”.

Título: Albinos são mutilados em rituais de magia negra na África. Partes dos corpos deles são usadas como amuletos da sorte⁶⁷. **Trecho:** “Bebês e crianças albinos são cada vez mais vítimas de mutilações e assassinatos, muitas vezes praticados por vizinhos e familiares. Alguns acreditam que eles são amaldiçoados e que a morte livra a família do mal. Acredita-se que algumas partes dos corpos de albinos, como mãos, pés, cabelos e ossos, tenham poderes mágicos e sirvam de ingredientes para poções e como amuletos da sorte, para atrair amor, saúde e riqueza.”.

⁶⁵ As drogas do estupro. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2015/06/30/as-drogas-do-estupro-33502.html>. Acesso em: 21 mai. 2015.

⁶⁶ ROCHA, Elaine. Demônios e possessões. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2015/06/30/demonios-e-possessoes-33489.html>. Acesso em: 21 mai. 2015.

⁶⁷ Albinos são mutilados em rituais de magia negra na África. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2015/04/29/albinos-sao-mutilados-em-rituais-de-magia-negra-na-africa-32913.html>. Acesso em: 21 mai. 2015.

Título: Mulher que sofreu estupro coletivo na Índia será julgada.⁶⁸ **Trecho:** “Ela foi sequestrada, abusada e a sociedade não a apoia, deixa a sua vida à sorte de sementes de cevada. O ritual, chamado de “purificador”, trará apenas mais sofrimento para a moça.”

Título: Não fuja da musculação. Saiba por que é importante investir nos treinos.⁶⁹ **Trecho:** Para quem quer perder peso, a musculação é excelente. Combinada com uma alimentação saudável, ela ajuda a queimar gordura mesmo após os treinos, por causa do alto consumo de oxigênio. A prática também melhora o condicionamento físico e deixa você mais resistente às doenças, principalmente aquelas provocadas por excesso de peso, como aterosclerose, diabetes e cardíacas.

É possível identificar nesses exemplos a relação dialética entre morte e vida, mas não só entre eles. Indo mais adiante na análise percebe-se a presença de termos como “doenças”, “sofrimento”, “alimentação saudável”, “amor”, “riqueza”, o que evidencia o entrelaçamento de sentimentos e estados de coisas positivas e negativas em um mesmo contexto. Apesar disso, é possível localizar notícias que tratam sobre saúde, boa alimentação e, embora não mencione a palavra morte, cita termos como “doença” e “câncer”,⁷⁰ onde a morte se introduz nessas mensagens de forma implícita.

Nesses artigos são feitas recomendações médicas e não constavam, em pelo menos duas das matérias encontradas⁷¹, qualquer parecer de cunho religioso voltado à moral cristã. Com abordagem aparentemente imparcial, esses artigos podem ser lidos por qualquer pessoa sem que esta deduza tratar-se de um conteúdo veiculado por uma igreja. Mas o que torna possível essa inserção do campo médico no campo religioso?

De acordo com Abreu⁷² é possível identificar a atuação de um pequeno clero ilustrado em Portugal, já no século XVIII, na defesa da racionalização da medicina

⁶⁸ BATISTA, André. Mulher que sofreu estupro coletivo na Índia será julgada. <http://www.universal.org/noticia/2015/06/25/mulher-que-sofreu-estupro-coletivo-na-india-sera-julgada-33450.html>. Acesso em: 21/maio/2015.

⁶⁹ MEDEIROS, Janaina. Não fuja da musculação. Saiba por que é importante investir nos treinos. <http://www.universal.org/noticia/2015/05/24/nao-fuja-da-musculacao-33094.html>. Acesso em: 21/maio/2015.

⁷⁰ SOARES, Ivonete. Procure saúde e fuja do efeito sanfona. 20 jun. 2015. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2015/03/28/procure-saude-e-fuja-do-efeito-sanfona-32558.html>. Acesso em: 20/maio/2015.

⁷¹ Você é o que você come. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2013/12/01/voce-e-o-que-voce-come-24076.html>; Alimentação saudável torna a mente mais eficiente. Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2012/10/30/alimentacao-saudavel-torna-a-mente-mais-eficiente-28045.html>. Acesso em: 20/junho/2015.

⁷² ABREU, Jean Luiz Neves. Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011, pp. 101-107.

frente ao ceticismo e diante dos exageros praticados por outra parte também do clero, quanto às práticas excessivas de exorcismos e às promessas de sanar doenças incuráveis, embora se considere entre os imaginários vigentes no período os que atribuíam ao demônio a causas das enfermidades⁷³. Esta reforma na medicina, resultante do debate entre religião e ciência, estendeu a preocupação humana com a cura das doenças para os cuidados com a saúde, e isto se refletiu na América Portuguesa. Nesse sentido, cuidar da saúde implica “ter cuidados consigo”, ideia que, segundo Foucault⁷⁴, já era cara à cultura grega antiga

O que se marca nos textos dos primeiros séculos – mais do que novas interdições sobre os atos – é a insistência sobre a atenção que convém ter para consigo mesmo; é a modalidade, a amplitude, a permanência, a exatidão da vigilância que é solicitada; é a inquietação com todos os distúrbios do corpo e da alma que é preciso evitar por meio de um regime austero; é a importância de se respeitar a si mesmo, não simplesmente em seu próprio *status*, mas em seu próprio ser racional, suportando a privação dos prazeres ou limitando o seu uso ao casamento ou à procriação.⁷⁵

No tocante às maneiras de lidar com a saúde e com os cuidados do corpo é possível estabelecer o elo entre a citação acima e esta mesma supervalorização nos dias de hoje, transformação que se dá de forma lenta e encontra reforço no discurso iurdiano. Como demonstrado, permanências e rupturas vão e voltam, a ponto de hoje identificarmos, como noutros tempos e lugares, o cuidado constante com a saúde do corpo e da mente de forma preventiva, ao invés do descuido e da imprudência.

Segundo Pinezi⁷⁶, a morte entre os neopentecostais preenche um espaço simbólico muito pequeno no nível das significações, uma vez que é o momento presente, do aqui e agora e das conquistas alcançadas os pontos centrais das denominações religiosas adeptas da Teologia da Prosperidade. A morte, nesse sentido, apesar das interrupções que provoca, é um fator meramente natural e o único campo em que os

⁷³ A Universal ainda se utiliza do discurso que associa doença à ação do demônio na seguinte passagem: “Os demônios são seres decaídos que procuram afligir a humanidade e colocar sobre os homens todo tipo de doença, desgraça, infelicidade, etc.”. MACEDO, Edir. Quem são os demônios? Disponível em: <http://www.universal.org/noticia/2013/05/14/quem-sao-os-demonios-20053.html>. Acesso em: 29 jun. 2015.

⁷⁴ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, vol. 3, p. 49.

⁷⁵ FOUCAULT. História da sexualidade: o cuidado de si. Op. Cit., p.46.

⁷⁶ PINEZI, Ana Keila Mosca. O sentido da morte para protestantes e neopentecostais. Paidéia, Mai/Ago. 2009, n. 43, p. 207. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2009000200008. Acesso em: 10/abril/2015.

neopentecostais não se utilizam de qualquer processo de magicização.⁷⁷ Em relação ao termo ‘magicização’ empregado por Pinezi cabe o seu esclarecimento. Ao apropriar-me de Weber e da sua teoria sobre o carisma, situo a “mágica” como possível recurso, através da figura do pastor, que tem de ser carismático, para conquistar a credibilidade do crente e tornar os seus desejos palpáveis e atingíveis. Sua ação se concretiza a partir do momento em que ele representa a vontade de Deus na Terra, isto é

a segurança da magia, uma vez comprovada, é muito maior do que o efeito da veneração de um deus não mais influenciável por meios mágicos por ser demasiadamente poderoso. A concepção dos poderes “suprassensíveis” divinos, mesmo como deus universal, não elimina, assim, por si, as antigas ideias mágicas (nem no cristianismo), porém faz com que surja uma possibilidade dupla.⁷⁸

Sendo assim, a magicização é possível no desfrute da vida e não na morte. A “mágica” produzida pelo pastor ao fazer crer que tocar determinado objeto de cobiça⁷⁹ produzirá um efeito de atração deste em relação ao crente não é possível, por exemplo, no toque ao corpo morto frente à possibilidade de ressuscitação. Retomando a questão da naturalização da morte no discurso da IURD, segue o trecho da fala de um pastor quando diz:

Por isso que as pessoas têm que vir fechar o seu corpo na terra para que tenha uma proteção terrena: mas, entenda, até você que tem o corpo protegido e fechado nesse mundo tem um ciclo. Se você não morre pela bruxaria, pela inveja, pela feitiçaria, pela maldade de terceiros, um dia você vai morrer por que terminou o seu ciclo. Pode uma pessoa com o corpo fechado morrer daquele jeito ali? Pode, no dia em que Deus realmente vem requerer não tem jeito. Mas o problema não é ir, é com quem vai.⁸⁰

A fala desse pastor baseia-se em um vídeo que capta o momento de um acidente de trânsito em que um passante, ao atravessar sobre a faixa de pedestres, é atingido por um veículo que capota ao se chocar com outro. Ao que parece, um dos veículos não respeitou o aviso do semáforo e é justamente apegando-se nessa imagem que o pastor

⁷⁷ RIVERA, P.B. Tradição, transmissão e emoção religiosa: Sociologia do protestantismo na América Latina, 2001. Apud PINEZI, Ana Keila Mosca. O sentido da morte para protestantes e neopentecostais, 2009, p.207.

⁷⁸ WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009, p.292.

⁷⁹ LACERDA, Mateus. Bispo da Universal entra com carro importado dentro da Igreja. 28 out. 2013. Disponível em: http://www.radioradicaljovem.com/2013/10/bispo-da-universal-entra-com-carro_28.html. Acesso em: 21 jun. 2014. A matéria trata de um bispo da Igreja Universal que entrou na igreja com um carro importado a fim de que os fieis, ao tocar o automóvel, fossem ungidos de prosperidade.

⁸⁰ E a alma, para quem vai? TV Universal. <https://www.youtube.com/watch?v=bDWMNk070a0>.

alerta: mesmo sem qualquer relação direta com a situação, estamos propícios a morrer, basta estarmos vivos.

A fim de mensurar a constância dos temas tratados pela IURD em seu site, uma busca, de 08/04/2010 a 27/06/2015, por palavras, apresentou o seguinte resultado: 1.497 registros com a palavra ‘morte’ e 8.296 com a palavra ‘vida’. Como, segundo o discurso da Universal, a morte está associada à salvação da alma, o site apresentou 64 registros com a palavra ‘salvação’⁸¹. Uma das possibilidades de interpretação remete a um maior interesse desta denominação religiosa no que diz respeito à vida do que na morte. No primeiro artigo sobre o tema morte, de 08/04/2010, cujo título é “Raios, o perigo que vem dos céus”, trata das mortes ocorridas no Brasil em decorrência da incidência de raios. Na sequência, são apresentadas matérias das mais variadas temáticas: “Aprenda a escolher um sapato masculino”; “Poesias de Vinícius de Moraes têm acesso livre na internet”, “As várias faces de Monteiro Lobato”, “Os erros na alimentação”, “Pimenta faz bem ao coração”, “O drama do negro no Brasil”, “Drogas, um caminho sem volta” etc.

Dos 1.497 registros localizados com a palavra “morte”, a grande maioria trata de preocupação relacionada aos cuidados com a saúde (usar livro do Jean/ Foucault, cuidado de si) ou de natureza social, enquanto alguns poucos mencionam as diretrizes bíblicas. Uma delas, intitulada “Você gostaria de experimentar a sensação de estar morto?” trata de uma empresa na China que simula a sensação de morte àqueles que desejarem pagar por isso uma quantia de 4 mil dólares e conclui:

Enquanto muitos pagariam muito mais para experimentar a vida, há quem disponha desse montante para saber de antemão como é estar morrendo. O que as pessoas esquecem é que se haverá dor na morte ela será passageira, e nada será maior do que a dor de passar a eternidade no inferno.⁸²

Retomando as rupturas e permanências na nossa maneira ocidental de encarar a morte, Ariès⁸³ trata de alguns aspectos relativos à mentalidade francesa nos séculos XII e XIII, final da Idade Média, como sendo um momento em que é possível identificar transformações nesse campo devido à influência de uma visão de mundo diferente, não

⁸¹ As matérias publicadas no site oficial da IURD, www.universal.org, geralmente são escritas por membros da própria Igreja: pastores, jornalistas, relações públicas etc.

⁸² ONARA, Núbia. Você gostaria de experimentar a sensação de estar morto? Empresa na China faz essa simulação pela bagatela de 4 mil dólares. Publicado em 13 mai. 2015. In: <http://www.universal.org/noticia/2015/05/13/voce-gostaria-de-experimentar-a-sensacao-de-estar-morto-33042.html>. Acesso em: 21 mai.2015.

⁸³ ARIÈS. História da Morte no Ocidente. Op. Cit.

melhor, apresentada pelo humanismo. Aos poucos o homem vai assumindo um lugar mais central em relação à vida e aos fazeres humanos ao deslocar Deus de uma hegemonia frente ao agir humano. A morte domada, por exemplo, que segundo Ariès, caracterizava-se pelas práticas do velório no seio familiar, eram bastante comuns até o século XVIII. Permitia-se que crianças participassem dessas ocasiões. Hoje, pelo contrário, não se morre em casa como em outros tempos e as crianças são afastadas desse tipo de situação considerada ironicamente constrangedora até para os adultos.

Esse constrangimento apresenta-se de tal forma a ponto de sequer quisermos falar sobre a morte, diferente de outros tempos em que não só se falava, mas convivia-se com ela mais de perto. Outro ponto importante a ser mencionado é que a casa, a residência do morto, utilizada como última estadia do moribundo é delegada aos hospitais, prática identificada a partir do século XIX por inúmeros fatores, mas, sobretudo, relacionado à higiene. Para Norbert Elias

De acordo com as novas relações de poder, associam-se a sentimentos de vergonha, repugnância ou embaraço e, em certos casos, especialmente durante o grande impulso europeu de civilização, são banidos para os bastidores ou pelos menos removidos da vida social pública. A mudança de longa duração no comportamento das pessoas em relação aos moribundos segue a mesma direção. A morte é um dos grandes perigos biossociais na vida humana. Como outros aspectos animais, a morte, tanto como processo quanto como imagem mnemônica, é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador. Para os próprios moribundos, isso significa que eles também são empurrados para os bastidores, são isolados.⁸⁴

Diante dessas mudanças de comportamento das pessoas em um dado momento histórico em relação à morte é possível perceber como cada denominação religiosa aborda este assunto. Pinezi trata dessas diferenças entre neopentecostais e protestantes à luz de como estes segmentos se iniciaram, sobretudo a época e em quais bases se apegaram. Como o foco aqui são essas percepções de acordo com os neopentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus há de se considerar que, por basear-se na Teologia da Prosperidade, a “mágica” empreendida por seus pastores nos cultos se direcione mais à vida do que à morte. A vida como instante de gozo e prosperidade, sobretudo financeira é encontrada em Weber ao afirmar

⁸⁴ ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, pp.18-19.

a ação ou pensamento religioso ou “mágico”, não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus próprios fins são, em sua grande maioria, de natureza econômica.⁸⁵

Quais apelos mágicos empregados pelos pastores dessa igreja?

Padres e pastores, profissionais que segundo Weber se ocupam da figura dos deuses⁸⁶ são os mediadores entre estes e os crentes quanto às regras de uma boa vida, mas também de uma boa morte. Os primeiros, no campo católico, tratavam da salvação da alma sob a ótica do céu e do inferno. O discurso dos pastores neopentecostais também, mas a questão a ser percebida é o medo que antes se tinha em relação ao destino da alma, diferente de hoje, quando a morte é interdita e vivemos como se fôssemos imortais. Será que realmente os cristãos de hoje, os neopentecostais em específico, preocupam-se em ir para o inferno como em outros tempos? Essa idealização de céu e inferno é tão nítida para eles, uma vez que se presencia nos cultos desta denominação a encarnação no demônio?

Uma vez que é no espaço desta igreja a arena aonde o diabo vem se manifestando ao se apossar do corpo de alguns fiéis, o medo da morte associada à salvação da alma de certo modo encontra-se enfraquecido no imaginário do crente em relação ao inferno representado pela cor vermelha e pelo fogo. Talvez não seja preciso morrer para encontrar o diabo e quitar as “dívidas” com ele uma vez que, fazendo uso da expressão corriqueira a qual escutamos com certa frequência, “o inferno é aqui”.

⁸⁵ WEBER. Economia e Sociedade. Op. Cit., p.281.

⁸⁶ WEBER. Economia e Sociedade. Op. Cit., p.284.

CONCLUSÃO

O interesse em estudar a temática da morte propiciou, em primeiro lugar, entender como se deu o processo de transformação dos imaginários sobre ela à luz de diversos momentos e mudanças culturais. Embora esta pesquisa não seja exaustiva em termos de fontes e bibliografia, foi possível vislumbrar horizontes e chegar a algumas conclusões. As referências utilizadas apontaram para os significados do que era a morte e o morrer na perspectiva pagã e como alterou o seu sentido a partir do cristianismo. A partir de uma perspectiva de longa duração, as pesquisas apontam que as mudanças, ocorridas lentamente no decorrer de centúrias, trouxeram para o centro das preocupações transcendentais do homem moderno a valorização da vida e não mais da morte.

Passando pela pedagogia do medo, instaurada pela Igreja Católica medieval, os rituais fúnebres e as preocupações com o *post mortem* em determinados momentos, como explanado por Ariès⁸⁷, fizeram notória a percepção de como comportamentos, necessidades e inquietações foram criando novos hábitos, tendo em consequência a perda de força da hegemonia católica sobre o regimento da vida das pessoas, sobretudo em decorrência da Reforma Protestante.

Não quero com isso colocar a Reforma em um Panteão, como se ela tivesse sido a salvação da humanidade. Porém é impossível não citar as modificações que causou frente à abertura de novas possibilidades, entre elas, o deslocamento do papel da religião no Ocidente como única resposta aos problemas e acontecimentos do cotidiano, fato que hoje nomeamos de secularização. Rodrigues reforça que

O valor especial que parecemos atribuir à vida humana na sociedade ocidental tem uma história não muito longa. De fato, nem a morte representava o pavor que a ela atribuímos, nem a vida foi sempre o bem por excelência, a preservar e acumular contra todos os outros,⁸⁸

Esta afirmação torna compreensível, pelo menos em parte, o tratamento dado à morte como um fenômeno espetacular, em decorrência da perda de espaço sofrida pela religião, já que esta, durante muito tempo, foi a única base de conforto e explicação da finitude humana.

O arrefecimento da religião é um dos sentidos em que Taylor trata a secularização para apontar o fato de que, embora os espaços públicos tenham sofrido de

⁸⁷ ARIÈS. História da morte no ocidente. Op. Cit.

⁸⁸ RODRIGUES. O tabu da morte. Op. Cit, p. 185.

um esvaziamento de Deus ou até da desvinculação Dele das esferas econômica, política, cultural e educacional, ainda há países, como é o caso do EUA, em que se constata altas estatísticas de fé e práticas religiosas. Salvo exceções, o autor avalia como mudança secular

aquela que nos leva de uma sociedade na qual era praticamente impossível não acreditar em Deus para uma na qual a fé, até mesmo para o crente mais devoto, representa apenas uma possibilidade humana entre outras⁸⁹.

Nesse sentido foi possível perceber a sintonia da Igreja Universal do Reino de Deus com os imaginários contemporâneos, ao fazer uso de abordagens sobre a morte que primam pela exaltação da vida e dos cuidados em torno de sua preservação calcada em hábitos de vida saudáveis, a atenção com o corpo e com a mente sob uma perspectiva médica sem, necessariamente, delegar a Deus a sua participação.

As notícias veiculadas no site oficial da Igreja Universal reforçam os cuidados com a saúde do fiel, evidenciando o saber médico como o recurso a que ele deve se apegar, sobretudo de maneira preventiva, a fim de adiar etapas inevitáveis da vida como o envelhecimento, as doenças e a morte. Matérias cujos títulos mencionam desde os danos que as roupas apertadas podem provocar à saúde até mesmo dicas de como evitar o efeito sanfona demonstram não apenas o imaginário da sociedade na qual estamos inserida, mas reforçam o individualismo e a vaidade observadas tanto no convívio social como nos ambientes virtuais traduzidos nas *selfies*.

Mesmo confundindo e mesclando conceitos aparentemente contraditórios de vida, morte e salvação e, ao possibilitar ao cristão autonomia sobre a sua própria vida e às suas escolhas pessoais, o discurso iurdiano demonstra estar em total concordância com a flexibilidade em relação ao estilo de vida contemporâneo. Apoiando-se em uma Teologia que preconiza a prosperidade do fiel nas finanças, na carreira profissional, na família, entre outros campos do desenvolvimento humano, reforça o apego que temos aos prazeres que só a vida pode proporcionar e faz da morte um terreno perverso e inimaginável, a ponto de se quer quisermos pronunciar o seu nome.

⁸⁹ TAYLOR, Charles. Uma era secular. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2010, pp.14-15.

REFERÊNCIAS

ABUMANSSUR, Edin Sued. .NEOPENTECOSTALISMO: o fast-food da fé. . In: Religião no Brasil: ciência, cultura política e literatura. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

ARIÈS, Philippe. História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BITUN, Ricardo. A “remasterização” do movimento pentecostal Igreja Mundial do Poder de Deus. Revista de Teologia e Cultura. Edição nº 23, ano V, Maio/Junho 2009. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/artigos/a-remasterizacao-do-movimento-pentecostaligreja-mundial-do-poder-de-deus/>. Acesso em: 05 ago, 2014.

CARVALHO, Denise W, FREIRE, M. T, VILAR, G. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. Revista Panam Salud Pública. 2012, p.436. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/rpsp/v31n5/a12v31n5.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado da sociedade em rede. In: O poder da identidade. Vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da; MORAES JUNIOR, Manoel Ribeiro de. (Org). BAPTISTA, Paulo. Fundamentalismo e identidades no campo evangélico brasileiro. In: Religião no Brasil: ciência, cultura política e literatura. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FARIA, S.C. A Colônia: Paraíso ou Purgatório. In: A Colônia em Movimento: Fortuna e Família no Cotidiano Colonial. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1998.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade, 3: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

LOBATO, Elvira. Universal chega aos 30 anos com império empresarial. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1512200730.htm>. [versão on-line]. São Paulo: Folha de São Paulo, 15/12/2007. Acesso em 01 nov. 2014.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. Disponível em: novosetudos.org.br/v1/files/.../78/20080626_os_neopentecostais.pdf. Acesso em: 12 ago, 2014.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARIANO, Ricardo. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. Perspectiva Teológica: Belo Horizonte, Ano 43, Número 119, pp.11-36, Jan/Abr 2011.

MARTON, Scarlett. Café Filosófico: A Morte como instante de vida. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=A46dfe8B5Us>. Acesso em: 18 jul, 2014.

MELLO, Patrícia Campos. Angola proíbe operação de igrejas evangélicas do Brasil. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/04/1269733-angola-proibe-operacao-de-igrejas-evangelicas-do-brasil.shtml>. Acesso em: 22 jan, 2015.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. In: As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo: um conceito obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. Revista de Estudos da Religião (REVER). Jun/2010. p.11-19. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf?origin=publication_detail. Acesso em: 10 out. 2014.

NOGUEIRA, Daniele. Renda por pessoa em Uberlândia aumenta 30,2% em uma década, IDHM. Jornal Correio de Uberlândia [versão on-line] de 02.ago.2013. Disponível em: http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/renda-por-pessoa-em-uberlandia-aumenta-302-em-uma-decada-mostra-idhm/?doing_wp_cron=1424294205.1757700443267822265625. Acesso em: 18 fev. 2015.

PAEGLE, Eduardo Guilherme de Moura. A “mcdonaldização” da fé – um estudo sobre os evangélicos brasileiros. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia. Vol.17, set.-dez. de 2008. Disponível em: www3.est.edu.br/nepp/revista/017/ano07n3_06.pd. Acesso em: 05 fev, 2015.

PINEZI, Ana Keila Mosca. O sentido da morte para protestantes e neopentecostais. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2009000200008. Acesso em: 10 abr.2015.

RIBEIRO, José Wagner. Jornalismo político religioso da IURD. Revista do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Midiáticas Intermídia. Vol.1, n.2, jan/jun. 2008. Disponível em: <http://www.ichca.ufal.br/grupopesquisa/intermidia/wagner.htm>. Acesso em: 12 dez. 2014.

RODRIGUES, Cláudia. Nas fronteiras do além: a secularização da Morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu da Morte. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2006.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A doença e as atitudes perante a Morte. In: Nova História da Expansão Portuguesa: O império luso-brasileiro 1750-1822. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

TAYLOR, Charles. Uma era secular. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2010.

WEBER, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

ZILLES, Urbano. Os sacramentos da Igreja Católica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.